

# Morfologia urbana Britânica: a tradição *Conzeniana*

**J. W. R. Whitehand**

School of Geography and Environmental Sciences, University of Birmingham,  
Birmingham B15 2TT, UK.

E-mail: J.W.R. Whitehand@bham.ac.uk

*Artigo originalmente publicado na Urban Morphology em Outubro de 2001*

---

**Resumo.** *Este artigo descreve as origens, o desenvolvimento e as características da escola de pensamento em morfologia urbana construída a partir do trabalho de M. R. G. Conzen. Depois de se considerarem as influências iniciais de Schlüter e Geisler, é dada atenção aos conceitos desenvolvidos por Conzen – o ciclo da parcela burguesa, a cintura periférica, o quadro morfológico e a região morfológica. Na segunda parte do artigo apresentam-se três exemplos de investigação construídos sobre as fundações lançadas por Conzen, nomeadamente a ‘micromorfologia’, a relação entre períodos morfológicos e processo tipológico, e a ligação entre tomada de decisão e forma urbana.*

*Palavras-chave: Conzen, conceitos morfológicos, influência Germânica, micromorfologia, cintura periférica, Reino Unido*

---

No Reino Unido o termo ‘morfologia urbana’ é aplicado a diferentes tipos de investigação. Apesar de quase todos se centrarem nas formas físicas das áreas urbanas, cada um destes tipos tem vindo a ser desenvolvido por um grupo específico de investigadores. Em arquitetura, os ‘tipomorfologistas’ têm vindo a trabalhar independentemente daqueles que utilizam a sintaxe espacial. De um modo semelhante, em geografia, os que trabalham na tradição *Conzeniana* têm tido pouco contacto com os aderentes à análise espacial. A ausência de integração no interior das disciplinas tem um aparente paralelo com a falta de comunicação entre arquitetos e geógrafos. Para que as trocas de experiências esboçadas nos últimos anos do século XX sejam uma realidade efetiva, é necessário que as diferentes escolas de pensamento definam o seu espaço. Este artigo descreve o desenvolvimento e as características da escola *Conzeniana*, apresentando exemplos de investigação recente nesta tradição, incluindo alguns casos que certamente

beneficiariam de uma cooperação mais intensa com outras escolas de pensamento.

## Os antecedentes de M. R. G. Conzen

A escola de pensamento *Conzeniana*, fundada por M. R. G. Conzen, tem os seus antecedentes imediatos no final do século XIX. O trabalho inicial de Schlüter foi particularmente importante, nomeadamente dois artigos publicados em 1899, um sobre o plano das cidades (Schlüter, 1899a) e o outro apresentando a sua visão sobre um conjunto de aspetos genéricos da geografia dos assentamentos humanos (Schlüter, 1899b). A importância do segundo deve-se fundamentalmente ao seu carácter programático. O primeiro, que partia de trabalho anterior de Fritz (1894), sugeria, entre outras coisas, como se poderia reconhecer no plano de uma cidade as fases do seu desenvolvimento. Neste aspeto foi um precursor da abordagem morfogenética que mais tarde – e com uma maior sofisticação –

se tornaria uma marca do trabalho de Conzen.

Para além do impacto do seu próprio trabalho, Schlüter exerceu a sua influência através das dissertações que orientou na Universidade de Halle. A mais significativa, para o desenvolvimento da morfologia urbana, terá sido a orientação do trabalho de Geisler sobre Danzig, publicada em 1918 (Geisler, 1918). O mapa da área central de Danzig, contido na tese, distinguia, através da cor, os diferentes usos do solo e do edificado, e ainda o número de pisos dos edifícios residenciais. Também este trabalho teve influência em Conzen. Esta influência é evidente na sua dissertação, o *Staatsexamen*, submetida em 1932 à Universidade de Berlim, na qual Conzen apresenta um mapeamento dos tipos de edifícios existentes em doze cidades localizadas a oeste e a norte de Berlim (Conzen, 1932). Mais importante foi a influência Germânica sobre os mapas coloridos que Conzen produziu para Whitby, em East Yorkshire, e que foram publicados em Conzen (1958). Estes mapas enfatizavam a importância que Conzen atribuía, como os seus predecessores Germânicos, à representação visual, particularmente à representação cartográfica. O mapa com os tipos de edifícios dava grande destaque à distinção dos diferentes períodos morfológicos entre os edifícios residenciais.

### As ideias de Conzen e a sua influência

Todo o trabalho de Conzen é permeado por uma forte preocupação com a precisão terminológica. A este respeito, o contraste entre Conzen e a maioria dos seus colegas Britânicos era surpreendente. Para Conzen os termos eram criados para representar conceitos, da forma mais fiel possível dentro dos limites da linguagem. Isto significava explorar a origem das palavras e privilegiar os conceitos.

Foi Conzen quem reconheceu a divisão tripartida da paisagem urbana em: i) plano da cidade (compreendendo ruas, parcelas e planos de implantação dos edifícios), ii) tecido edificado e iii) usos do solo e do edificado (Conzen, 1960). Porém, foram os conceitos que ele desenvolveu sobre o 'processo' de desenvolvimento urbano que mais estimularam a escola de pensamento construída a partir do seu trabalho.

Algumas das suas ideias mais fecundas foram desenvolvidas em torno da parcela, constituindo uma estrutura de análise à escala micro muito detalhada face aos *standards* da geografia humana Britânica. Um aspeto ao qual ele atribuiu uma grande atenção foi a relação entre as parcelas e o plano de implantação dos edifícios. O ciclo da parcela burguesa (*burgage cycle*), que ele reconheceu, consiste na progressiva

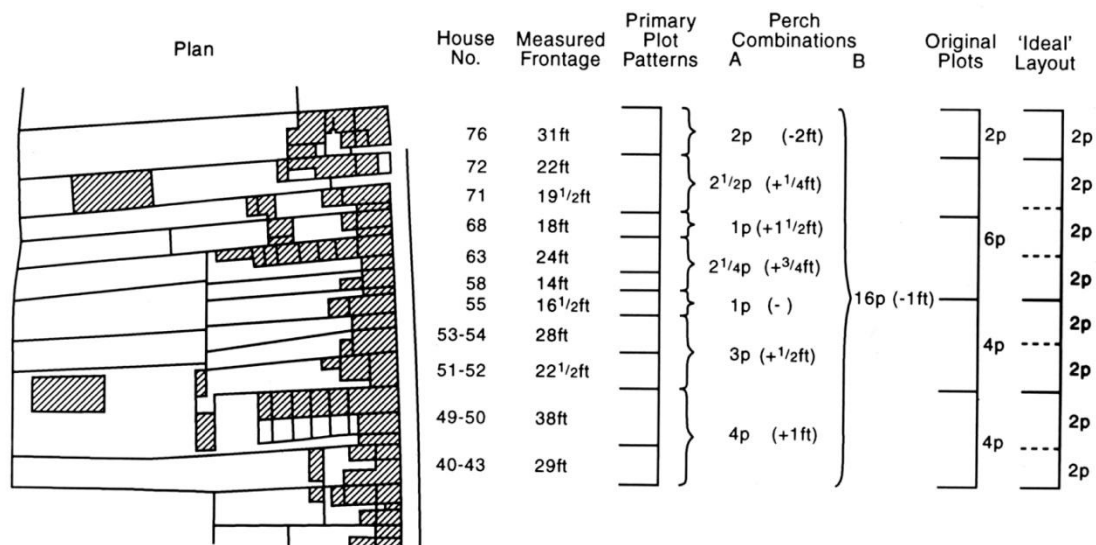


Figura 1. Análise metrológica de Lower Broad Street, Ludlow. Reproduzida de Slater (1990, p. 72, Fig. 4.4).

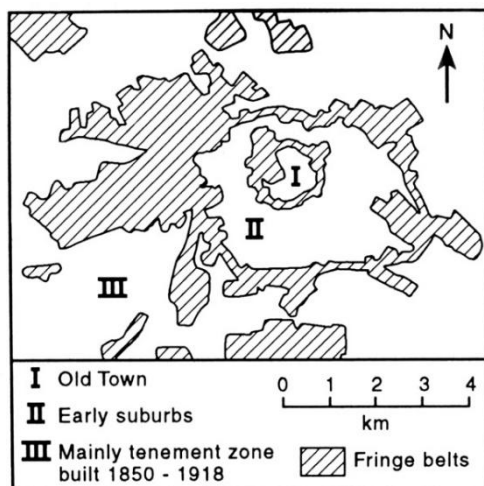


Figura 2. As cinturas periféricas do centro de Berlim, c. 1936. Baseado em Louis (1936, Mapa final 1).

ocupação edificada da parte traseira da parcela, terminando na eliminação dos edifícios e num período de pousio urbano que antecede um novo ciclo de desenvolvimento (Conzen, 1960). Conzen também examinou em detalhe os limites e as dimensões das parcelas, sendo que este aspeto veio posteriormente a ser desenvolvido por Slater (1990), que evidenciou o modo como a análise metrológica podia ser utilizada para reconstituir os limites da parcela (Figura 1). Uma análise da medição das larguras das parcelas permitiu a Slater especular sobre aquilo que o topógrafo medieval tinha em mente aquando do loteamento inicial do terreno correspondente, bem como inferir sobre as larguras das parcelas originais e sobre o modo como elas foram subsequentemente divididas.

Naturalmente, muitas partes das cidades atuais não têm a regularidade, ao nível das dimensões de parcelas, que as chamadas 'séries de parcelas residenciais' normalmente têm. É o caso das cinturas periféricas (*fringe belts*) constituídas por parcelas com uma grande variedade, ao nível da forma e das dimensões. O conceito de cintura periférica (Figura 2) foi inicialmente reconhecido em Berlim por Louis (1936), um dos mentores de Conzen, tendo sido desenvolvido com um grau de sofisticação mais elevado por Conzen, nos seus estudos sobre a pequena cidade inglesa de Alnwick e sobre a cidade

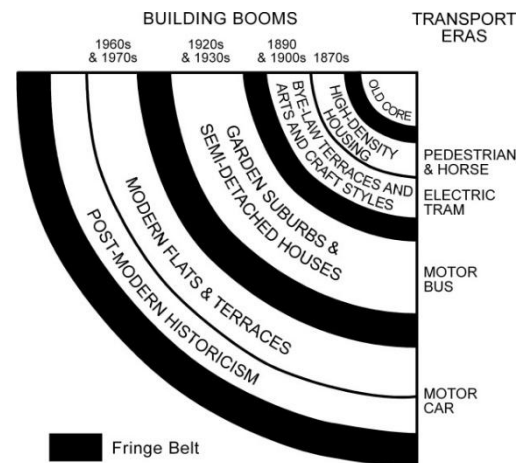


Figura 3. Um modelo de ciclo de edificação / inovação. Baseado em Whitehand, J. W. R. (1994) 'Development cycles and urban landscapes', *Geography* 79, 12, Fig. 11.

de Newcastle upon Tyne, de maior dimensão (Conzen, 1962). O conceito foi posteriormente adotado por diferentes investigadores em várias partes do mundo (Whitehand, 1988). Numa das linhas de investigação sobre este conceito, desenvolveu-se a relação entre cinturas periféricas, ciclos de edificação, valores do solo e inovação – Figura 3 (Whitehand, 1977). Demonstrou-se que a criação das cinturas periféricas está associada a quebras na construção de habitação em momentos em que o preço do solo assume valores muito elevados. Estas dinâmicas, combinadas com obstáculos geográficos à expansão da área construída, dão lugar a uma área urbana em que zonas de crescimento residencial alternam com cinturas periféricas.

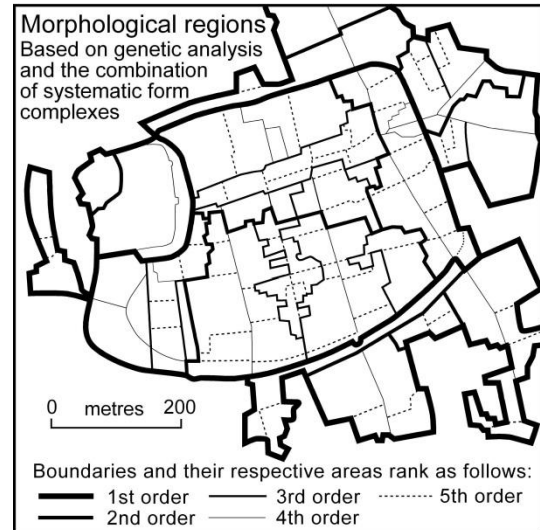
Demonstrou-se ainda que as cinturas periféricas possuem um conjunto de atributos físicos próprios. Este conjunto inclui: grandes áreas contíguas com uma forte presença vegetal, com frequência intercaladas por grandes edifícios institucionais – por vezes edifícios de grande qualidade arquitetónica; a ausência de habitação; e uma rede viária esparsa, com uma reduzida incidência de ruas radiais e, como tal, com uma reduzida penetração de veículos. As cinturas periféricas formam zonas de fronteira entre áreas de habitação morfológica e historicamente distintas: por exemplo, em Inglaterra, entre casas em banda *bye-law* e casas geminadas construídas

entre as duas grandes guerras.

O conceito de cintura periférica está ligado a um fundamento básico do trabalho de M. R. G. Conzen: o conceito de quadro morfológico (*morphological frame*). Este conceito está associado ao modo como as formas urbanas são criadas sobre o solo, particularmente ao processo em que o solo rural é convertido em solo urbano, sendo que o modo como se desenvolve esta transformação vai atuar a longo prazo como uma condicionante para transformações subsequentes. Os limites das parcelas e, especialmente, as ruas, exercem uma influência fortíssima a longo prazo. Muitas ruas e parcelas sobrevivem praticamente sem alterações. Noutros casos, as suas características fundamentais estão muitas vezes refletidas nas ruas e parcelas que as substituíram. Deste modo, os planos de cidade exercem uma influência decisiva sobre as formas futuras, com todo um conjunto de características a passarem através de sucessivas gerações de uma sociedade, frequentemente, ao longo de períodos temporais muito longos.

Para M. R. G. Conzen o culminar da exploração do desenvolvimento físico de uma área urbana era a divisão dessa área em regiões morfológicas. Uma região morfológica é uma área que tem uma unidade, no que diz respeito à sua forma, que a distingue das áreas envolventes. No entanto, as fronteiras entre regiões variam em termos de robustez. No seu mapa de regiões morfológicas da pequena cidade inglesa de Ludlow, Conzen reconheceu uma hierarquia de fronteiras, estruturada em cinco camadas – Figura 4 (Conzen, 1988). O mapa das regiões morfológicas é assim um elemento composto de diferentes mapas identificando diferentes áreas em termos de tipos de plano, tipos de tecido edificado e tipos de usos do solo.

Esse mapa é o produto de um método concebido para revelar o desenvolvimento histórico de uma área urbana. No entanto, para Conzen, o passado oferecia também lições para o futuro dessa área. O mapa podia assim ser ajustado às necessidades de planeamento, fornecendo as bases para enraizar a gestão futura da paisagem urbana no seu desenvolvimento histórico.



**Figura 4. As regiões morfológicas da cidade histórica de Ludlow. Baseado em Conzen (1988, p. 258, Fig. 17.2).**

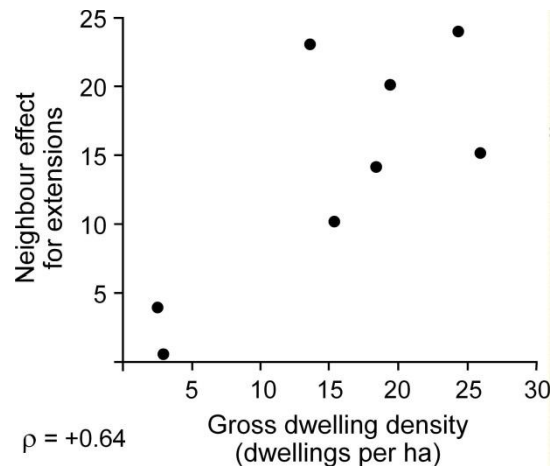
### Investigação recente

Ao longo dos últimos 35 anos do século XX, diferentes aspetos das ideias e perspetivas de M. R. G. Conzen foram amplamente desenvolvidos. Tentar fazer justiça, num tão reduzido número de páginas, às várias linhas de investigação que poderiam justamente ser designadas como *Conzenianas*, poderia ter como resultado paradoxal não fazer justiça a nenhuma delas. Assim, esta secção do artigo irá explorar apenas 3 linhas de pensamento e investigação atual que – o conhecimento pessoal assim me sugere – devem muito às fundações lançadas por Conzen. Essas 3 linhas podem ser referidas como: i) a micromorfologia, ii) a relação entre períodos morfológicos e processo tipológico, e iii) a ligação entre os processos de tomada de decisão e a forma urbana.

A identificação do sub-campo da micromorfologia será, porventura, pouco mais do que o reconhecimento de que uma parte significativa da análise da forma urbana é desenvolvida à escala da parcela individual ou, mais concretamente, ‘dentro’ da parcela individual. Isto não é novo nem para os geógrafos *Conzenianos* nem para a maioria dos arquitetos. O que é claramente novo é a análise detalhada das relações espaciais entre as transformações físicas

ocorridas na habitação corrente do século XX. A descoberta que essas transformações estão agrupadas no tempo e no espaço é confirmada por vários estudos de difusão espacial. Por exemplo, a ampliação de uma habitação aumenta a probabilidade de uma outra ampliação ser desenvolvida a curto prazo na vizinhança imediata, o que reflete a atuação de um conjunto de fatores, em particular o facto de proprietários e residentes se influenciarem mutuamente: existe pois um ‘efeito de vizinhança’ (Whitehand, 2001). No entanto, a incidência das transformações varia imenso, mesmo quando estão em análise áreas com desenvolvimentos iniciais ocorridos em períodos semelhantes. Quanto mais reduzida for a densidade habitacional do projeto original de uma dada área urbana (quanto maior a dimensão da parcela), maior será a probabilidade de uma habitação dessa área vir a ser ampliada. No entanto, a análise das transformações de pequena escala (alterações como substituição de portas e janelas) revela uma relação inversa: quanto mais reduzida for a densidade habitacional do projeto urbano original, mais reduzido será o número de transformações de pequena escala que uma habitação dessa área deverá sofrer. A força do efeito de vizinhança está também relacionada com a densidade habitacional original. Por exemplo, no caso da incidência de ampliações habitacionais, o efeito de vizinhança é fraco em áreas de baixa densidade, mas é forte em áreas de alta densidade – Figura 5 (Whitehand *et al.*, 1999). As evidências sugerem que um padrão de alta densidade do desenvolvimento original está associado a comportamentos mais imitativos entre vizinhos do que um padrão de baixa densidade. Esta é outra influência do quadro morfológico, mas uma influência que poderá ser atribuída ao papel que a dimensão da parcela – e talvez as variáveis associadas à dimensão da parcela – tem nas relações sociais entre vizinhos.

A segunda linha de pensamento e investigação atual poderá ajudar a compreender melhor outro dos conceitos de Conzen. Conzen e aqueles que seguiram os seus passos centraram-se no conceito de período morfológico dando, até agora, pouca atenção ao processo pelo qual as formas que são características de um determinado



**Figura 5. Relação entre a robustez do efeito de vizinhança para ampliações habitacionais e a densidade habitacional original nos subúrbios do período entre as grandes guerras em Inglaterra. Baseado em trabalho de campo de C. M. H. Carr, M. D. Horne, N. J. Morton, O. M. Sanders e J. W. R. Whitehand, 1992/94, e em registos de gestão urbanística das autoridades locais.**

período morfológico são substituídas pelas formas características do período seguinte. Por exemplo, no Reino Unido existe um nítido contraste entre, por um lado, os tipos de edifícios residenciais que caracterizam os períodos Vitoriano tardio e Edwardiano e, por outro lado, os tipos que caracterizam o período entre as duas grandes guerras. O primeiro é dominado por casas em banda, o segundo por casas geminadas, com um plano ‘universal’. Efetivamente, foi dada uma atenção significativa às diferenças geográficas na altura da transformação – incluindo o atraso na sua adoção em áreas menos acessíveis do que Londres – e mais recentemente, às características das casas que fazem parte de um tipo específico de um momento de transição. Mas as questões referentes ao como e ao porquê dos construtores realizarem as transformações de um tipo para o outro, apenas nos últimos anos atraíram a atenção da investigação científica. Pelo contrário, os arquitetos Italianos da escola *Caniggiana* focaram a sua atenção no conceito de ‘processo tipológico’, no qual os novos tipos de edifícios são vistos como produtos de um processo de aprendizagem das adaptações desenvolvidas pelos anteriores tipos de edifícios.

Consequentemente, parece existir aqui um espaço para explorar as ligações entre o ‘período morfológico’ *Conzeniano* e o ‘processo tipológico’ *Caniggiano* (Maffei e Whitehand, 2001).

O último aspeto da investigação recente a ser considerado neste artigo é a relação entre tomada de decisão e forma urbana, que está ligado, entre outras coisas, ao modo como inúmeras decisões isoladas se combinam para criar um conjunto de regularidades sobre o território. No próprio trabalho de Conzen as pessoas que ‘criavam’ as paisagens urbanas tendiam a permanecer na sombra, sendo que só muito raramente ocupavam a ‘frente do palco’. No entanto, entre aqueles que seguiram o trabalho de Conzen, houve quem focasse a sua atenção no papel dos decisores e na tomada de decisão. Uma faceta deste trabalho pode ser ilustrada com uma breve exploração de uma linha de investigação sobre cinturas periféricas (trabalho que tem vindo a ser desenvolvido na Universidade de Birmingham por M. I. W. Hopkins, N. J. Morton e J. W. R. Whitehand).

As cinturas periféricas podem resultar de processos de tomada de decisão consideravelmente distintos. Alguns surgem do planeamento de um elemento, em geral, circular a uma área urbana – as zonas de fortificação, comuns em torno de cidades pré-industriais; existem inúmeros casos de zonas de lazer, como cinturas de parques e espaços verdes em torno de cidades dos séculos XIX e XX. No entanto, a maioria das cinturas periféricas não são deliberadamente concebidas, mas antes resultam de um sem número de decisões pontuais relativas a parcelas isoladas. Frequentemente, os decisores não têm conhecimento uns dos outros e, quase invariavelmente, não têm noção que as suas decisões individuais teriam, em combinação, o efeito que referimos como cintura periférica. O fator comum à tomada de todas estas decisões isoladas poderá ser a existência de um obstáculo à expansão residencial, uma quebra na construção de habitação, uma atração mútua entre usos do solo, ou o facto de diferentes utilizadores se localizarem uns junto aos outros devido à ausência de localizações alternativas. Geralmente, uma cintura periférica é o resultado da

combinação destas e de outras influências. A regularidade associada a cada cintura adquire bases diferentes – pelo menos em termos de tomada de decisão – de uma cintura periférica planeada, mas o facto de não ter uma forte intencionalidade não reduz, obviamente, o seu significado. Qualquer cintura periférica articula a identidade de diferentes zonas históricas de uma cidade separando as formas produzidas em diferentes períodos morfológicos. Frequentemente, ela retém elementos do seu carácter de cintura rural-urbana muito tempo depois de ter sido absorvida pela área urbana, tendo frequentemente um rácio de superfície permeável sobre superfície impermeável mais elevado do que seria expectável numa área dominada por ruas e parcelas residenciais relativamente pequenas. Deste modo, uma cintura periférica não intencional pode contribuir tanto para a legibilidade de uma cidade como uma cintura periférica resultante de uma intervenção de planeamento.

As questões que este facto levanta para a tomada de decisão em planeamento no Reino Unido estão atualmente a ser examinadas. Raramente se verifica a preservação ou a conservação deliberada das cinturas periféricas enquanto ‘entidades’ próprias. No Reino Unido, as políticas de planeamento que favoreceram a manutenção de cinturas periféricas estavam geralmente relacionadas com as suas componentes individuais. Incluem-se neste conjunto políticas sobre a conservação de determinados tipos de espaço aberto, como campos de jogo, e a designação de áreas de interesse ecológico. Alguns sítios e edifícios dentro das cinturas periféricas veem reconhecido o seu significado histórico e arquitetónico e inclusive é-lhes atribuída proteção regulamentar. No entanto, a sobrevivência dos elementos das cinturas periféricas tem vindo a ocorrer, em larga medida, de uma forma não planeada. Em alguns casos, esta sobrevivência reflete o facto de as funções que ocupam partes destas cinturas periféricas não terem localizações alternativas para as quais se possam reorientar.

No entanto, existem forças que tendem a transformar, de um modo dramático, determinadas localizações da cintura periférica contribuindo para reduzir a sua

legibilidade. No Reino Unido, existem atualmente políticas de planejamento que favorecem o re-desenvolvimento de áreas urbanas existentes para habitação com o objetivo de criar cidades mais compactas reduzindo as pressões sobre o solo rural. Mesmo sem essas políticas, o encerramento ou a migração de um estabelecimento ou empresa que ocupe um dado local de uma cintura periférica irá desencadear uma re-avaliação desse local, sendo que uma consequência provável será um pedido de licenciamento para posterior re-desenvolvimento para habitação. Nestas circunstâncias, o significado mais amplo daquele local na cintura periférica deverá ser uma preocupação. No entanto, quase nenhuma autoridade local no Reino Unido adota esta perspectiva.

### Conclusão

A escola de pensamento Britânica em morfologia urbana que alguns descreveram como *Conzeniana* é inequivocamente geográfica. Em primeiro lugar, a escola estuda o modo como os diferentes elementos se conjugam sobre o solo. É difícil conceber ideias que tenham uma dimensão mais geográfica do que o conceito de cintura periférica e de região morfológica. Ambas descrevem o modo como as partes urbanas da superfície terrestre foram configuradas e re-configuradas. A descrição morfogenética parece adequada, assim como parece a ênfase na representação geográfica. Toda a abordagem, em particular a forma de conceptualização e o modo como lida com a terminologia e a representação visual, é mais Germânica do que Britânica. Nesse sentido, não existem dúvidas que a história da morfologia urbana Britânica teria sido muito diferente se M. R. G. Conzen não tivesse emigrado para Inglaterra.

O próprio Conzen era demasiado modesto para se sentir confortável com o termo *Conzeniano*. No entanto, existe atualmente um grande interesse sobre o tipo de investigação que pode, de modo razoável, ser descrito por este termo. Indubitavelmente, a relevância de uma parte desta investigação vai para além da disciplina da geografia. De facto, alguns dos desenvolvimentos mais

estimulantes em morfologia urbana estão, de um modo geral, na interface entre morfologia urbana de origem geográfica, arquitetura e planejamento. O título deste artigo não é uma tentativa de circunscrever a morfologia urbana a um domínio particular, mas sim uma referência a uma abordagem à cidade que, ao longo do século XX, se desenvolveu num conjunto de diferentes aspetos que têm vindo a influenciar a investigação atual.

### Referências

- Conzen, M. R. G. (1932) *Die Havelstädte*, unpublished Staatsexamen dissertation, Universidade de Berlim, Alemanha.
- Conzen, M. R. G. (1958) 'The growth and character of Whitby', em Daysh, G. H. J. (ed.) *A survey of Whitby and the surrounding area* (Shakespeare Head Press, Eton), 49-89.
- Conzen, M. R. G. (1960) *Alnwick, Northumberland: a study in town-plan analysis* Institute of British Geographers Publication 27 (George Philip, Londres).
- Conzen, M. R. G. (1962) 'The plan analysis of an English city centre', em Norborg, K. (ed.) *Proceedings of the IGU symposium in urban geography Lund 1960* (Gleerup, Lund), 383-414.
- Conzen, M. R. G. (1988) 'Morphogenesis, morphological regions and secular human agency in the historic townscape, as exemplified by Ludlow', em Denecke, D. e Shaw, G. (eds.) *Urban historical geography* (Cambridge University Press, Cambridge), 255-61.
- Fritz, J. (1894) 'Deutsche Stadtanlagen', *Beilage zum Programm 520 des Lyzeums Strassburg* (Strassburg).
- Geisler, W. (1918) *Danzig: ein siedlungsgeographischer Versuch* (Kafemann, Danzig).
- Louis, H. (1936) 'Die geographische Gliederung von Gross-Berlin', em Louis, H. e Panzer, W. (eds.) *Landerkundliche Forschung: Krebs-Festschrift* (Engelhorn, Estugarda), 146-71.
- Maffei, G. L. e Whitehand, J. W. R. (2001) 'Diffusing Caniggian ideas', *Urban Morphology* 5, 47-8.
- Schlüter, O. (1899a) 'Über den Grundriss der Städte', *Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin* 34, 446-62.
- Schlüter, O. (1899b) 'Bemerkungen zur Siedlungsgeographie', *Geographische Zeitschrift* 5, 65-84.
- Slater, T. R. (1990) 'English medieval new towns with composite plans', em Slater, T. R. (ed.)

- The built form of Western cities* (Leicester University Press, Leicester), 71-4.
- Whitehand, J. W. R. (1977) 'The basis for an historico-geographical theory of urban form', *Transactions of the Institute of British Geographers*, NS2, 400-16.
- Whitehand, J. W. R. (1988) 'Urban fringe belts: development of an idea', *Planning Perspectives* 3, 47-58.
- Whitehand, J. W. R. (2001) 'Changing suburban landscapes at the microscale', *Tijdschrift voor economische en sociale geografie* 92, 171-7.
- Whitehand, J. W. R., Morton, N. J. e Carr, C. M. H. (1999) 'Urban morphogenesis at the microscale: how houses change', *Environment and Planning B: Planning and Design* 26, 503-15.

### Tradução do título, resumo e palavras-chave

British urban morphology: the Conzenian tradition

*Abstract. This paper describes the origins, development and characteristics of the school of urban morphological thought that is grounded in the work of M. R. G. Conzen. After considering the early influences of Schlüter and Geisler, attention is given to the concepts Conzen developed, such as the burgage cycle, the fringe belt, the morphological frame and the morphological region. In the second half of the paper three examples of current research that builds on foundations laid by Conzen are illustrated: namely, micromorphology, the relationship between morphological periods and the typological process, and the link between decision-taking and urban form.*

*Keywords: Conzen, morphological concepts, German influence, micromorphology, fringe belt, United Kingdom*

### Tradução

O artigo original foi traduzido para Português por Vítor Oliveira e Paulo Pinho, que agradecem a Jeremy Whitehand a disponibilidade permanente.

## 21ª Conferência Anual do *International Seminar on Urban Form*

A 21ª conferência anual do *International Seminar on Urban Form* / ISUF terá lugar no Porto de 3 a 6 de Julho de 2014. O evento realizar-se-á na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto / FEUP.

O título da conferência é *Our common future in urban morphology*. Este título reflete o papel crucial do ambiente no debate sobre a forma física das cidades. Evoca ainda a necessidade de identificar os temas fundamentais que deverão ser incluídos na agenda da morfologia urbana para os próximos anos. De facto, a conferência *Our common future in urban morphology* será palco de uma reflexão sobre qual deverá ser o contributo dos investigadores em morfologia urbana, como é que este contributo poderá integrar uma investigação mais abrangente sobre cidades, e por fim, como é que os resultados desta investigação poderão ser aplicados na prática profissional. Está reflexão será estruturada por um conjunto de 10 temas fundamentais: *urban morphological theory; urban morphological methods and techniques; the evolution of urban*

*form; agents of change; revisiting urban morphological classics; multidisciplinary in urban morphology; comparative studies of urban form; integrated approaches; teaching urban form; e, por fim, the relations between research and practice.*

A Comissão Organizadora do ISUF 2014 tem o prazer de o(a) convidar a partilhar o seu trabalho de investigação, submetendo um resumo dentro de um destes temas. A data limite para submissão de resumos é 31 de Janeiro de 2014. Os autores serão notificados sobre a aceitação até 28 de Fevereiro de 2014. A data limite para envio de artigos completos, caso o pretendam, é 15 de Maio de 2014. A inscrição na conferência deverá ser realizada até 31 de Maio de 2014. Para mais informações consulte o sítio da conferência em: [isuf2014.fe.up.pt](http://isuf2014.fe.up.pt).

Após a conferência, no dia 7 de Julho, serão realizadas 3 excursões: a Lisboa, incluindo o Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém; ao centro histórico de Guimarães; e à região vinhateira do Alto Douro.